

A Investigação em Anatomia Patológica: Caracterização de hábitos e frequências

Amadeu B. Ferro¹; Ana M. Rodrigues; Maria C. Pacheco

1- ESTeSL – Lisboa

Correspondência para: Amadeu B. Ferro – e-mail: amadeu.ferro@estesl.ipl.pt



Em todas as áreas profissionais a investigação tem um papel primordial para o aumento do conhecimento permitindo a evolução e credibilização da profissão. O presente trabalho visa caracterizar os hábitos dos Técnicos de Anatomia Patológica e a frequência com que realizam e divulgam trabalhos de investigação.

A amostra inclui 113 Técnicos de Anatomia Patológica dos Hospitais da Região de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, tendo sido recolhidos os dados através de um questionário, em que é mantida a confidencialidade. Este questionário foi tratado através de análise estatística.

Genericamente conclui-se que a maioria dos Técnicos inquiridos já realizou, em algum momento da sua carreira, trabalhos de investigação e divulgou os seus resultados. Pode afirmar-se que as formas de divulgação mais utilizadas nos últimos três anos foram as comunicações orais e os artigos científicos, que representam também as preferências dos técnicos. Estas preferências devem-se à possibilidade de discussão e ao conteúdo e acessibilidade, respectivamente. Conclui-se, também, que existe relação entre a realização de trabalhos de investigação nos últimos três anos e certas variáveis sócio-demográficas, nomeadamente a idade e os anos de serviço.

Palavras-chave:

Investigação, Anatomia Patológica, hábitos, frequências.

Artigo aceite após revisão.

INTRODUÇÃO

A motivação para a investigação científica baseia-se na curiosidade do Homem, e na necessidade que ele tem de entender o mundo em que se movimenta, de modo a tentar eliminar as incertezas do desconhecido.

Contudo, além de procurar entender o mundo circundante, o Homem, coloca-se ele próprio, como objecto de pesquisa, para um entendimento aprofundado de si próprio [1]. Bell [3] define pesquisa como uma "busca com vista ao enriquecimento do conjunto de conhecimentos de cada um e, possível-

mente, de outros indivíduos, recorrendo a processos metódicos que conduzam à descoberta de factos e ideias não triviais". A investigação pode ainda ser definida como um "conjunto de actividades conducentes à descoberta de novos conhecimentos científicos, ou seja, à melhor compreensão das leis que regem os processos naturais ou o rearranjo artificial dos seus componentes." [1]

Independentemente da sua definição, é universalmente aceite que a investigação tem uma importância fundamental para a construção e o desenvolvimento das profissões, de modo a torná-las únicas e credíveis perante os diferentes profissionais. Pode dizer-se que a investigação é um processo de enriquecimento do conhecimento, conduzindo não só à evolução das profissões, mas também, ao reconhecimento dos profissionais que realizam investigação e a divulgá-lo.

Parece importante ainda referir que uma investigação terá de ser pertinente para a população a que se destina, de modo a que os resultados sejam valorizados e adoptados na prática. Isto implica um processo contínuo de pesquisa e o valor do trabalho é julgado pelo que se tiver conseguido em termos de compreensão, bem como das alterações desejáveis na nossa forma de agir [3]. Para que isto aconteça, os trabalhos de investigação devem ser divulgados, pois essa é a única maneira de transmitir o conhecimento adquirido à população a que se destina.

Cada área científica ou grupo profissional tem os seus hábitos e frequências de realização e divulgação de trabalhos de investigação, que devem ser conhecidos, promovendo-se a sua caracterização, compreensão e explicação.

Ao longo desta pesquisa foi dada relevância à caracterização dos hábitos dos Técnicos de Anatomia Patológica (TAP), no que respeita à realização e divulgação de trabalhos de investigação, e ainda a caracterização da frequência com que o fazem. Procurou-se desmistificar o processo de investigação, na medida em que se inquiriu os TAP, sobre as razões que os levam, ou não, a realizar e divulgar trabalhos de investigação. Procurou-se que, com base nas conclusões obtidas neste estudo, seja possível identificar os pontos-chave que permitam motivar para a realização e

divulgação de trabalhos de investigação. É importante referir que a maior responsabilidade é do próprio TAP, que deve ter a motivação intrínseca de aumentar o conhecimento sobre determinado assunto, quer para si, quer para toda a comunidade científico-tecnológica.

Objectivos

Desse modo, como objectivo geral deste trabalho pretendeu-se contribuir para o conhecimento sobre as investigações que se fazem na área da Anatomia Patológica nos Hospitais da Região de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo e sua divulgação.

Tendo em conta a população dos Técnicos de Anatomia Patológica dos Hospitais da Região de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo temos como objectivos específicos:

1. Determinar a quantidade de trabalhos de investigação na área da Anatomia Patológica, realizados nos últimos três anos;
2. Identificar e descrever quais as formas mais usadas na divulgação de resultados (póster, artigos científicos, comunicações...) de trabalhos de investigação;
3. Denominar as razões invocadas, para a realização de trabalhos de investigação e escolha da sua divulgação;
4. Determinar se os trabalhos de investigação realizados originaram alterações nos Serviços de Anatomia Patológica dos Hospitais da Região de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo;
5. Determinar quais as áreas preferidas e preteridas para a realização de trabalhos de investigação;
6. Verificar se existe relação entre os factores sócio-demográficos e a realização e divulgação de trabalhos de investigação;

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo efectuado foi, de acordo com Fortin [4], do tipo exploratório-descritivo (nível I/II), uma vez que não existem muitos conhecimentos de base e tentou-se descrever e caracterizar um fenómeno de modo a contribuir para o conhecimento. Pode dizer-se que

o presente trabalho seguiu uma metodologia quantitativa, pois existiu uma preocupação evidente em aplicação de descrição e análise estatística.

Por questões de localização, decidiu-se que a população acessível seriam os TAP de 21 Hospitais da Região de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (N=161). A amostra foi constituída por todos os Técnicos do grupo anteriormente referido que responderam ao questionário (n=113). Pode ser afirmado, com recurso a cálculos estatísticos estandardizados, que a amostra possui um intervalo de confiança de 5.05%, no nível de confiança clássico de 95%, para a população inicial. Este resultado poderá implicar uma representatividade bastante robusta da amostra.

O método usado na colheita de dados foi o Inquérito por Questionário. Os questionários foram aplicados nos hospitais acima mencionados, tendo o pré-teste sido realizado previamente. O questionário continha uma primeira parte para caracterização da amostra e uma segunda parte ou corpo do questionário com 10 questões que procuravam dar consecução aos objectivos deste trabalho. Foi garantido o consentimento livre e informado dos sujeitos da amostra.

Uma vez que os questionários apresentavam escalas nominais, escalas ordinais e de intervalo, o tratamento de dados foi feito por estatística descritiva, tendo-se ainda usado para caracterizar relações entre variáveis, o teste T para amostras independentes e o teste de Chi² de Pearson. O valor de significância estatística (p) utilizado foi de alfa <0.05, sendo este o valor mais usual neste tipo de estudos, com inquérito

por questionário [5].

RESULTADOS

Caracterização da Amostra

Sobre a idade da amostra pode dizer-se que o valor mínimo e máximo foram respectivamente 22 e 55 anos. A média das idades foi 33 anos, o desvio-padrão foi 7.518 anos e registaram-se duas modas (25 e 26 anos). O número de anos completos de serviço variou entre 0 e 30 anos. A média de anos de serviço coincidiu com a mediana (10 anos) e o desvio-padrão foi 8.104 anos. Existiram múltiplas modas, sendo o valor mais baixo o zero, o que significa que parte da amostra ainda não completou um ano de serviço (Gráfico I). Em relação ao género, verificou-se que existem 82% de participantes do sexo feminino e 18% de participantes do sexo masculino.

Trabalhos de Investigação Realizados

Após Final do Curso

Verificou-se que 53% dos inquiridos já realizaram trabalhos de investigação desde que terminaram o curso de APCT (bacharelato ou licenciatura conforme os casos) e ingressaram no mercado de trabalho. Importa destacar que destes sujeitos, 75% referiram ter realizado os trabalhos nos últimos três anos. Verificou-se ainda que o número de trabalhos realizados nos últimos três anos variou entre um e oito (ver Gráfico II).

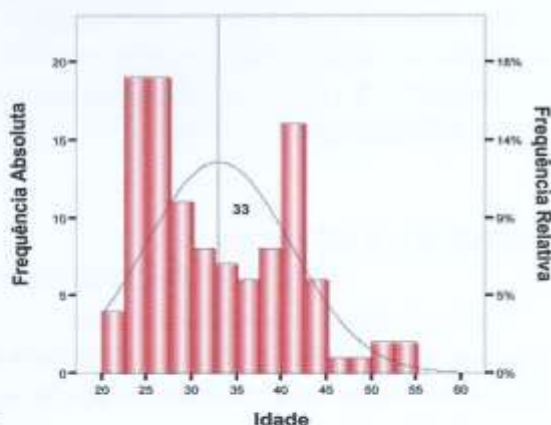
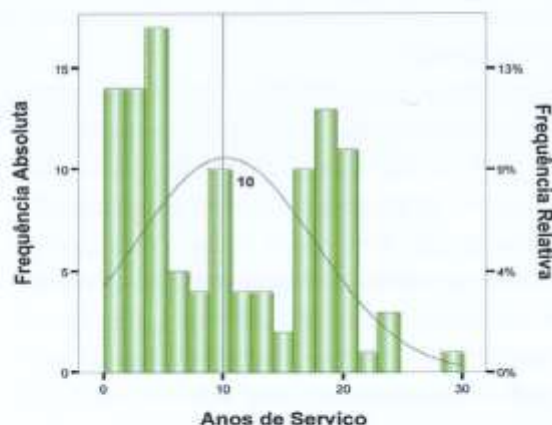


Gráfico I: Idade e anos de Serviço.



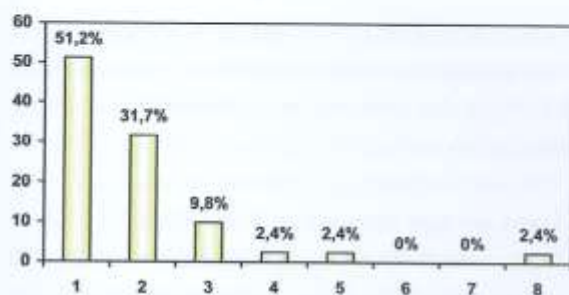


Gráfico II: Número de trabalhos realizados nos últimos três anos.

Relativamente às razões invocadas para a realização dos trabalhos pôde observar-se que 37% invocam a motivação pessoal, seguida da resolução de problemas específicos do serviço (26%) e aumentar e enriquecer o currículo (23%). Relativamente aos participantes que responderam "não fazer investigação desde que terminaram o curso de APCT", observou-se que a causa mais invocada é a falta de tempo com 29,9% das respostas, seguida da falta de motivação pessoal (24,6%) e falta de estímulos (19,5%).

Difusão de Trabalhos nos Últimos Três Anos

Relativamente à difusão dos trabalhos realizados verificou-se que 68% dos participantes procederam à divulgação dos seus trabalhos nos últimos três anos. O número de trabalhos difundidos por indivíduo variou entre um e três, como se pode ver no Gráfico III.

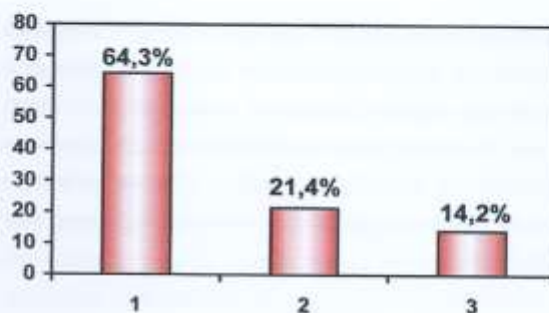


Gráfico III: Número de trabalhos difundidos nos últimos três anos.

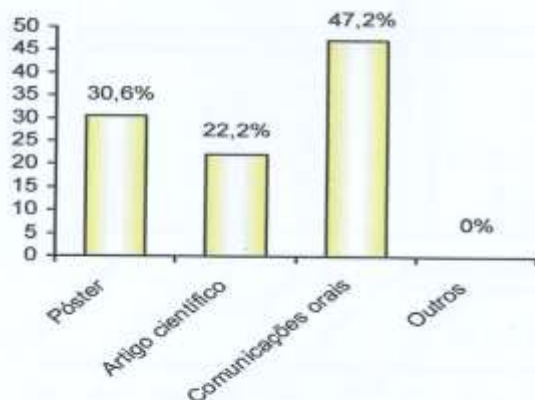
As razões mais invocadas para a difusão de trabalhos foram a motivação pessoal (42% de respostas) e aumentar e enriquecer o currículo (36%).

Para os 32% de participantes que referiram não ter difundido trabalhos nos últimos três anos, a razão mais relevante para essa situação foi a falta de motivação pessoal.

Formas de Difusão

O maior número de trabalhos (47,2%) foi difundido sob a forma de comunicações orais e a forma menos usada foram os artigos científicos com 22,2% de respostas. Relativamente à forma preferida para difusão de trabalhos, verificou-se que apesar de haver uma maior incidência de inquiridos que preferem difundir trabalhos de investigação por artigos científicos (37,2%), a opção das comunicações orais foi também muito escolhida (34,9%) e portanto, não existe uma opção que predomine consideravelmente (ver Gráfico IV).

Formas usadas



Formas preferidas

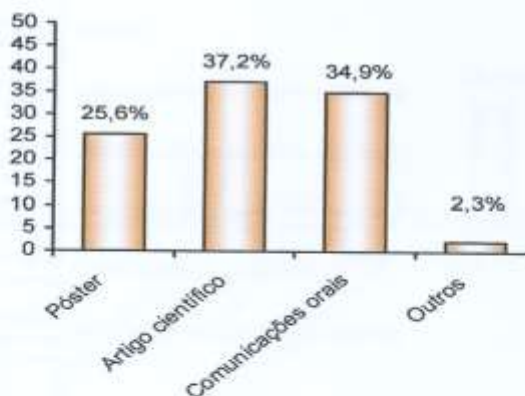


Gráfico IV: Formas de difusão mais usadas nos últimos três anos e formas de difusão preferidas.

A Investigação em Anatomia Patológica: Caracterização de hábitos e frequências

Quando inquiridos em relação às razões que levaram à escolha de determinada forma de difusão como preferida, os sujeitos destacaram a importância da facilidade de visualização e entendimento do poster, a abrangência dos artigos científicos e a possibilidade de interação e discussão das comunicações orais (ver Tabela I).

Implementação de Mudanças no Serviço

Dos 44 técnicos que responderam a esta questão, a maioria (59%) afirmaram ter implementado mudanças no serviço em consequências dos trabalhos de investigação realizados, contra os 41% que afirmaram nunca ter implementado mudanças. As razões invocadas para a não implementação de mudanças nos Serviços passam pela não aplicabilidade das con-

clusões dos trabalhos à realidade do Serviço do inquirido (principal justificação para a opção Outros - 47,3%) e pelo conformismo generalizado (21,1%) - ver Gráfico V.

Áreas em que Incidem os Trabalhos

Existiu uma maior incidência (29,5%) de trabalhos da área de Imunocitoquímica, enquanto que as áreas de Veterinária e Patologia Bucal são as de menor incidência obtendo zero trabalhos - ver Gráfico VI.

Classificação dos Trabalhos de Investigação

Quanto ao número de trabalhos realizados, os inquiridos classificaram a investigação realizada em Anatomia Patológica em Portugal como medíocre (33,9%), seguindo-se com um valor muito próximo a classificação

Formas	Categorias	%	Unidades de análise	%
Poster	Motivação Pessoal	20%	Mais motivador para elaboração	20%
	Aspecto visual	80%	Maior impacto visual	30%
Facilidade de visualização e entendimento			50%	
Artigo Científico	Conteúdo	56%	Mais completo	39%
			Maior qualidade científica	17%
	Acessibilidade	33%	Disponibilidade de futuras consultas	17%
Comunicações Oraís	Feedback	60%	Maior divulgação	17%
			Impede o desconforto em público	11%
	Divulgação	10%	Possibilidade de discussão	35%
Qualidade geral da forma de difusão	30%	Feedback de audiência	25%	
		Melhor forma de transmitir resultados de um processo de investigação	15%	
			Mais enriquecedor	15%

Tabela I: Razões para a escolha da forma de difusão preferida.

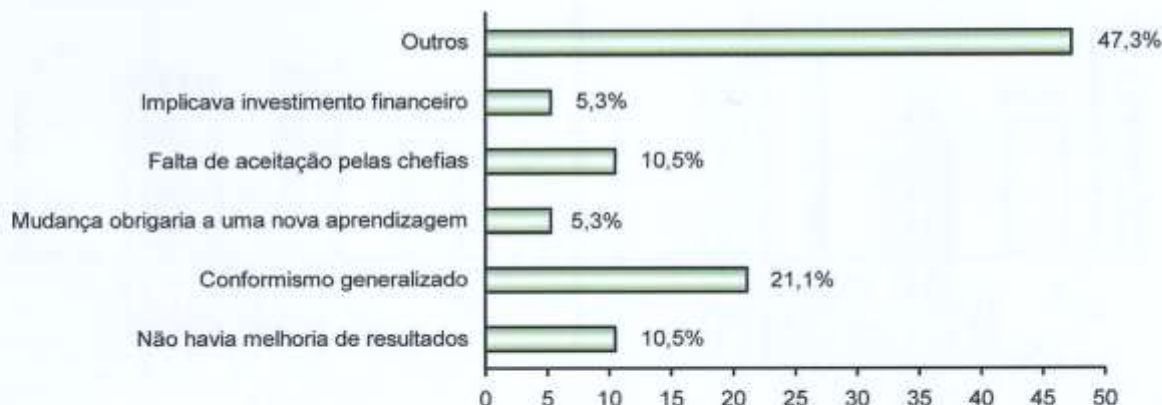


Gráfico V: Razões para a não implementação de mudanças no Serviço.

de suficiente (32,1%). Quanto à qualidade dos trabalhos realizados mais de metade dos investigados classificaram a investigação como razoável (52,3%), mais de um terço classificaram os trabalhos como bons (38,7%) e ninguém classificou os trabalhos como muito maus – ver Gráfico VII.

Relação Entre Factores Sócio-demográficos e a Realização e Divulgação de Trabalhos de Investigação Existiram diferenças estatisticamente relevantes em termos de idade entre os indivíduos que realizaram ou não trabalhos de investigação nos últimos três anos ($p=0,036$). Constatou-se que os que fizeram investigação nos últimos três anos são geralmente mais jovens. Paralelamente verificou-se que os técnicos que mais fizeram investigação nos últimos três anos têm em média menos anos de serviço ($p=0,020$).

DISCUSSÃO

O número de indivíduos que realizaram investigação após finalizado o curso é relativamente baixo (53%), parecendo imperar a falta de tempo e a falta de motivação. Estes dados podem levar-nos a concluir que a prática habitual de investigação para resolução de problemas e guia de prática não está implantada de forma perene e transversal em todos os técnicos analisados.

Em oposição a estes elementos surge um outro dado relevante, os Técnicos mais jovens realizam mais trabalhos de investigação, o que poderá indicar a existência de uma clivagem tendo como factor crítico a idade. Assim, por um lado teremos um grupo de profissionais com mais idade e experiência, possivelmente integrados numa carreira da função pública onde a motivação extrínseca (necessidade de ascensão na carreira, etc.) não parece surtir grande efeito, até porque os concursos necessários à subida de categoria têm sido cada vez mais raros, sendo os Técnicos obrigados a permanecer anos a fio na mesma categoria e sem perspectivas de promoção em breve. Estes factores podem tornar a realização de trabalhos de investigação para enriquecer o curriculum como uma tarefa sem fins lucrativos e pouco aliciante. Por outro lado, poderá existir um grupo de profissionais com menos idade e com uma progressiva dificuldade em integrar uma carreira hospitalar, sendo necessário aumentar o nível de conhecimentos e enriquecer o currículo de forma a ampliar as hipóteses de se ser escolhido. Paralelamente, para estes últimos, o ónus da questão pode ainda recair num percurso académico mais incentivador (a que não será alheia a recente inclusão, no plano de estudos escolar, de Unidades Curriculares exclusivamente dedicadas à investigação) e a uma maior motivação intrínseca.

É importante também referir que dos indivíduos que realizaram trabalhos de investigação após concluir o seu curso, 75% realizou trabalhos nos últimos 3 anos.

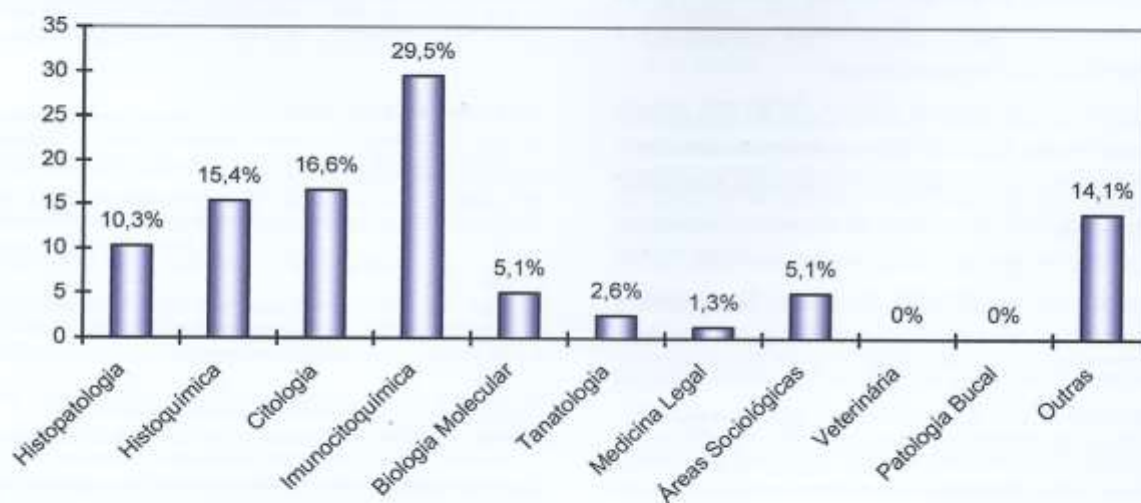


Gráfico VI - Áreas dos trabalhos nos últimos três anos.



Gráfico VII: Classificação da investigação quanto ao número de trabalhos.

A maior parte destes inquiridos referiram ter realizado um trabalho de investigação neste período.

Quem difundiu trabalhos de investigação fê-lo principalmente através de comunicações orais (47,2%), sendo menos usada a forma de artigo científico (22,2%), o que contraria o facto dos técnicos referirem preferir principalmente como forma de difusão os artigos científicos (37,2%). Este resultado pode estar condicionado pelo grau de dificuldade superior implicado pela preparação do artigo, o que afasta uma grande quantidade de técnicos apesar de terem consciência da sua maior importância.

Ao pedir-se aos inquiridos que indicassem razões para a escolha da forma de difusão preferida, chegou-se à conclusão que quem escolhe pósteres fá-lo pelo aspecto visual (80%); quem escolhe artigo científico é principalmente devido ao conteúdo (55,6%); e quem escolhe comunicações orais privilegia o *feedback* e a possibilidade de discussão (60%).

Registou-se que mais de metade (59%) dos inquiridos referiu ter implementado mudanças no seu Serviço resultantes de trabalhos de investigação realizados, e que, dos 41% que não implementaram mudanças no serviço, a maioria justificaram-no com base na impossibilidade de aplicação do estudo. Daqui poderá decorrer mais uma vez a importância que a investigação pode trazer para a melhoria e a optimização das diferentes etapas do trabalho em Anatomia Patológica. Será assim sempre recomendável que os responsáveis pelos Serviços estimulem a realização de trabalhos de investigação.

A área de maior incidência dos trabalhos foi a

Imunocitoquímica com 29,5%, o que se justifica pelo incremento que esta valência sofreu nos últimos anos, tornando-se por isso cientificamente muito prolífica.

A nível da classificação da investigação em Anatomia Patológica quanto ao número de trabalhos, conclui-se que 33,9% dos Técnicos classificou esta realidade como medíocre. No entanto, este resultado é contrariado na faceta qualidade dos trabalhos realizados, que foi classificada como razoável/boa por 52,3% dos participantes. Com base neste trabalho há diversos outros que se podem realizar. Pode, por exemplo, utilizar-se outra amostra, quer sejam os TAP dos Hospitais da Região de Saúde do Norte ou do Sul e comparar com os resultados obtidos neste estudo, de modo a poder concluir-se se existem diferenças estatisticamente relevantes em termos de realização e divulgação de trabalhos de investigação entre as diferentes amostras, e as razões invocadas para tal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Archer, L. J. Investigação Científica. In: Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. Lisboa: Editorial Verbo. 1985. Vol. 3.
- Azevedo, M. Teses, Relatórios e Trabalhos escolares - sugestões para estruturação da escrita. 4ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora. 2004. Cap. 1-6, 12-13.
- Bell, J. Como Realizar um Projecto de Investigação. 3ª ed. Lisboa: Gradiva. 2004. Cap. 1.
- Fortin, M. O processo de investigação, da concepção à realização. Lisboa: Lusociência - Edições Técnicas e Científicas, Lda. 1999. Cap. 4, 7, 9, 12.
- Hill, M. & Hill, A. Investigação por questionário. 2ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, Lda. 2002. Cap. 1, 3-5.
- Lobo, M. A. Comunicação Arte e Técnica de Trocar e Partilhar Ideias. Lisboa: Direcção Geral de Desenvolvimento Rural. 2001. Cap. 2-5.
- O'Neill, J. The significance of an impact factor: implications for the publishing community. *Learned Publishing* 2000, 13, 105-109.
- Reis, E. Estatística Descritiva. 4ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, Lda. 1998. Cap. 2-4, 6.
- Vicente, L. O Impacto da Investigação Científica Universitária em Portugal. *Revista Colóquio/Educação e Sociedade - Nova Série* 1998, 2, 227-235. Versão Electrónica. www.mat.uc.pt/~lrv/papers/lrv.html > 5 Junho 2005.